

## A FUNÇÃO DE “ENUNCIADOS SUMÁRIOS” NA COMPOSIÇÃO DO EVANGELHO DE MARCOS UM DIÁLOGO COM KARL SCHMIDT E NORMAN PERRIN\*

Charles W. Hedrick\*\*

### RESUMO

O propósito deste artigo é desafiar o entendimento de Norman Perrin dos enunciados sumários como artifícios estruturais transicionais no Evangelho de Marcos. Para tal se procederá examinando o número, caráter e função de todos estes enunciados em Marcos e, então, comparando-os com artifícios narrativos similares em *A vida de Apolônio de Tiana*, de Filóstrato.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enunciados sumários, Evangelho de Marcos, Apolônio de Tiana, Estrutura literária.

### ABSTRACT

The purpose of this paper is to challenge Norman Perrin's understanding of summary statements as transitional structural devices in Mark's Gospel. It will proceed by examining the number, character, and function of all such summary statements in Mark and will then compare them to similar narrative devices in Philostratus, *The life of Apollonius of Tyana*.

**KEYWORDS:** Summary statements, Gospel of Mark, Apollonius of Tyana, Literary structure.

---

\* Este texto foi originalmente publicado sob o título "The role of 'summary statements' in the composition of the Gospel of Mark: a dialogue with Karl Schmidt and Norman Perrin. In: *Novum Testamentum* 26.4, 1984, pp. 289-311 e, posteriormente, em ORTON, David E. (ed.). *The composition of Mark's Gospel: selected studies from Novum Testamentum*. Leiden: Brill, 1999 (Readers in Biblical Studies, 3), pp. 121-143. Tradução para a língua portuguesa de Elizangela Soares, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, com agradecimentos a Brill Academic Publishers pela autorização de tradução do original inglês.

\*\* Charles W. Hedrick é professor emérito de Estudos Religiosos na Southwest Missouri State University, EUA.

Em sua introdução ao Novo Testamento, Norman Perrin argumenta que Marcos reuniu várias coleções independentes de material tradicional e os arranjou de maneira a formar a primeira narrativa conectada do ministério de Jesus. Estas unidades são: a narrativa da paixão (14:13-16:8); um ciclo de estórias de milagres (capítulos 5 e 7); um ciclo de estórias de controvérsias (capítulo 2); uma coleção de parábolas (4:1-9, 13-34); dois ciclos de estórias arranjadas com base nos seguintes motivos: alimentação, cruzamento do lago, controvérsia com os fariseus e ensinamento com respeito ao pão (6:30-7:23, 8:1-21); e o discurso apocalíptico (capítulo 13).<sup>1</sup> Marcos “estruturou” estes materiais numa narrativa “contínua” pelo uso de referências geográficas e relatos sumários. Onde referências geográficas e relatos sumários coincidem, podem-se identificar divisões “naturais” na estrutura literária do Evangelho. Existem três divisões assim: 1:14-15; 3:7-12 e 6:6b. Em adição a estes três relatos sumários e junto com as referências geográficas, Marcos também emprega duas estórias transicionais de dom da visão (8:22-26; 10:46-52), a fim de formar duas divisões adicionais para a estrutura do Evangelho. Uma técnica composicional final do evangelista é sua inclusão de enunciados introdutórios ao discurso apocalíptico (13:1-5a) e à narrativa da paixão (14:1-2; 10:12).

Então, com base nestas observações, Perrin quebra a estrutura literária de Marcos como se segue:

1:1-13	Introdução
1:14-15	Sumário transicional marciano
1:16-3:6	Primeira seção principal: a autoridade de Jesus demonstrada em palavra e ação.
3:7-12	Sumário transicional marciano
3:13-6:6a	Segunda seção principal: Jesus como Filho de Deus e rejeitado pelo seu próprio povo.
6:6b	Sumário transicional marciano
6:7-8:22	Terceira seção principal: Jesus como Filho de Deus e mal compreendido por

---

<sup>1</sup> PERRIN, Norman. *The New Testament: an introduction*. New York/Chicago/San Francisco/Atlanta: Harcourt/Brace/Jovanovich, 1974, pp. 145-147. O uso que Perrin faz dos enunciados sumários em Atos (pp. 205-206) também precisa ser examinado à luz de *todos* os enunciados semelhantes no livro. Cada uma das divisões principais de Perrin para a estrutura do livro termina com um enunciado sumário (At 2:43-47; 5:42; 9:31; 12:24; 15:35; 19:20). Perrin, contudo, notou alguns sumários de uma coleção muito mais ampla deles no livro (4:4; 5:12-16; 6:7; 8:1b-4; 8:25; 8:40; 11:19; 14:24-28; 16:5; 18:22-23; 19:8-10). Note que o primeiro enunciado sumário de Perrin, At 2:43-47, pode, na verdade, começar em 2:40. Outras documentações de viagens (20:1-6; 20:13-16; 21:1-7; 21:15-17) também deveriam ser estudadas em conexão com os enunciados sumários.

	seus próprios discípulos.
8:23-26	História transicional de dom da visão
8:27-10:45	Quarta seção principal: Cristologia e discipulado cristão à luz da paixão.
10:46-52	História transicional de dom da visão
11:1-12:44	Quinta seção principal: Os dias em Jerusalém anteriores à paixão.
13:1-5a	Introdução ao discurso apocalíptico
13:5b-37	Discurso apocalíptico
14:1-12	Introdução à narrativa da paixão (com a intercalação 14:3-9)
14:13-16:8	A narrativa da paixão <sup>2</sup>

O propósito deste artigo é desafiar o entendimento de Perrin dos enunciados sumários como artifícios estruturais transicionais no Evangelho de Marcos. Para tal se procederá examinando o número, caráter e função de todos estes enunciados sumários em Marcos e então os comparará com artifícios narrativos similares em Filostrato, *A Vida de Apolônio de Tiana*.

Perrin reconhece sumários em 1:14-15, 21-22, 39; 2:13; 3:7-12; 5:21; 6:6b, 12-13, 30-33, 53-56; 10:1.<sup>3</sup> Karl Schmidt foi o primeiro a chamar a atenção para estes relatos de sumário marciano (*Sammelberichte*) e a analisá-los em conexão com o método literário do evangelista.<sup>4</sup> Posteriormente, C. H. Dodd, *em geral* seguindo Schmidt, argumentou que ao colocar os enunciados sumários encontrados no fim dos capítulos 1-6 no final é possível identificar um esboço tradicional do

---

<sup>2</sup> Em um artigo anterior, Perrin escreveu incorretamente a divisão para a terceira seção principal como 6:7-8:22 e indicou incorretamente a história transicional de dom da visão como 8:23-26. Cf. Towards an interpretation of the Gospel of Mark. In: *Christology and a modern pilgrimage: a discussion with Norman Perrin*. Claremont: No publisher, 1971, p. 5. Compare PERRIN, *The New Testament...*, p. 147. A clarificação da estrutura literária de Marcos foi uma preocupação nos estudos do Novo Testamento. Veja SCHWEIZER, Eduard. The portrayal of faith in the Gospel of Mark. In: *Interpretation* 32, 1978, pp. 387-399; ROBBINS, Vernon K. Summons and outline in Mark: the three step progression. In: *Novum Testamentum* 23, 1981, pp. 98-114; DEWEY, Joanna. *Marcan public debate: literary technique, concentric structure and theology in Mark 2:1-3:6*. Chicago: Scholars Press, 1980 (SBL Dissertation Series 48), p. 13.

<sup>3</sup> PERRIN, *The New Testament...*, p. 147. É impressionante que a maioria dos enunciados sumários apareça em Marcos 1-6. Apenas três aparecem fora destes capítulos: 9:30-32; 10:1 e 10:32. A identificação de Etienne Trocmé de um enunciado sumário em 12:38 parece ser um erro (*The formation of the Gospel of Mark*. Philadelphia: Westminster, 1975 (edição francesa, 1963), p. 29. Veja abaixo para uma discussão de 3:32 e 10:32 como enunciados sumários.

<sup>4</sup> SCHMIDT, Karl. *Der Rahmen der Geschichte Jesu: Literarkritische Untersuchungen zur ältesten Jesusüberlieferung*. Berlin: Trowitzsch, 1919. Para a sua listagem de sumários, veja o index na página 320.

ministério galileu de Jesus, mais como Dibelius identificou na pregação da Igreja em Atos.<sup>5</sup> Por conseguinte, para Dodd parece que a estrutura de Marcos é ditada por um esboço esquemático do ministério de Jesus que Marcos recebeu da tradição. Sua lista de sumários não concorda completamente com a lista de Schdimit.<sup>6</sup> Ele lista Mc 3:7b-19; 6:7 e 3:30 como sumários, enquanto Schmidt considera Mc 3:7-12; 6:6b e 6:30-33 como sumários. Tampouco Dodd discute Mc 5:21; 6.53-56 e 10:1 como sumários, enquanto Schmidt claramente os considera como tal. Perrin, por outro lado, parece seguir Schmidt muito de perto com sua análise dos enunciados sumários.<sup>7</sup>

Na década de 1970, os enunciados sumários em Marcos foram o assunto de uma monografia de Wilhelm Egger,<sup>8</sup> que encontra enunciados sumários em 1:14-15, 21-32, 32-34, 39, 45; 2:1-2, 13; 3:7-12; 4:1-2; 6:6b, 30-34, 53-56; 10:1.<sup>9</sup> Esta lista omite duas passagens identificadas por Schmidt-Perrin como sumárias: 5:21 e 6:12-13, e inclui quatro passagens não identificadas dessa maneira por eles: 1:32-34, 45; 2:1-2; 4:1-2. Seu livro é a primeira análise completamente dedicada ao estudo dos sumários, bem como a primeira análise crítica deles. Como Perrin, também Egger considera os sumários como provedores da moldura estrutural primária para a narrativa que constitui o Evangelho de Marcos.<sup>10</sup>

Schmidt não define formalmente o que ele quer dizer com “Sammelberichte”, mas parece considerá-los como enunciados gerais compostos ou criados pelo evangelista fora das introduções e conclusões da perícopes tradicional<sup>11</sup> com o propósito de amarrar diversas perícopes episódicas, a fim de incluí-las em uma moldura narrativa mais ampla.<sup>12</sup> Por conseguinte, os enunciados sumários descrevem as atividades de Jesus em uma escala mais ampla e geral.<sup>13</sup> Os fatos topográficos e cronológicos contidos neles não têm nenhum significado para o desenvolvimento da história de

---

<sup>5</sup> DODD, C. H. The framework of the Gospel narrative. In: *New Testament Studies*. Manchester: University Press, 1967 (original de 1932), pp. 1-11.

<sup>6</sup> Para uma crítica da posição de Dodd, veja TROCMÉ, pp. 28-31. É curioso para mim que Trocmé não critique Dodd por seguir ostensivamente o trabalho de Schmidt (DODD, p. 7) e ainda falhar ao usar todos os sumários em sua análise e mudar sem nenhuma discussão três daqueles que usou (particularmente, veja TROCMÉ, p. 29).

<sup>7</sup> PERRIN, Norman. The interpretation of the Gospel of Mark. In: *Interpretation* 30, 1976, p. 122.

<sup>8</sup> EGGER, Wilhelm. *Frohbotschaft und Lehre: Die Sammelberichte des Wirkens Jesu im Markusevangelium*. Frankfurt: Knecht, 1976.

<sup>9</sup> EGGER, p. 2.

<sup>10</sup> EGGER, pp. 1-20, 162-63.

<sup>11</sup> SCHMIDT, p. 82, nota 2.

<sup>12</sup> SCHMIDT, pp.105-106.

<sup>13</sup> SCHMIDT, pp. 13, 106.

Jesus.<sup>14</sup> Apesar de Schmidt não ter notado, os enunciados sumários mostram uma preferência pelo tempo imperfeito grego, uma forma verbal que expressa uma ação contínua, repetida ou costumeira no passado. O uso desta forma verbal é esperado se o autor desejou implicar um ministério mais amplo para Jesus do que é mostrado pelos episódios individuais do Evangelho.<sup>15</sup> Pode-se também encontrar nos enunciados sumários o uso de certos revezamentos (turns) de expressões que atraem a suposição de que o ministério de Jesus era muito mais abrangente do que as narrativas de seus episódios individuais implicariam por elas mesmas.<sup>16</sup>

Perrin entende os relatos sumários como uma parte significativa da atividade composicional consciente de Marcos. De fato, para Perrin eles formam as “estacas” básicas de toda a estrutura

---

<sup>14</sup> SCHMIDT, pp. 160, 105, 238. Veja o breve resumo do caráter destes “enunciados sumários” de Dodd (pp. 2-3). Veja também a breve avaliação de CADBURY, H. J. The summaries in Acts. In: JACKSON, F. J. Foakes, LAKE, Kirsopp (eds.). *The beginnings of Christianity I: the Acts of the Apostles*. 5 vols. London: Macmillan, 1933, pp. 394-402.

<sup>15</sup> O uso consciente do tempo imperfeito pelo autor de Marcos também foi notado por Wilhelm Egger (pp. 1, 28, 30. Cf. também seu *Die Verborgenheit Jesu in Mark 3:7-12*. In: *Bib* 50, 1969, p. 468.). Ainda que Egger observe que o imperfeito é usado para descrever as atividades de Jesus em sumários, esta forma verbal também ocorre regularmente para descrever atividades de outros caracteres na narrativa.

- Mc 1:21-22 Ele estava ensinando (ἐδίδασκεν); eles estavam maravilhados (ἐξεπλήσσοντο); ele estava ensinando (ἦν διδάσκων – imperfeito perifrástico).
- Mc 1:39 Ele veio pregando (ἦλθεν κηρύσσων; mas os editores podem não estar corretos e a variante pode ser a preferida que lê: ἦν κηρύσσων καὶ ἐκβάλλων) em suas sinagogas (συναγωγὰς αὐτῶν) em toda a Galiléia.
- Mc 2:13 Toda a multidão estava vindo (ἦρχετο) a ele e ele a estava ensinando (ἐδίδασκεν).
- Mc 3:7-12 Uma grande multidão da Judéia, Jerusalém, Iduméia, ao redor do Jordão, Tiro e Sidon, tendo ouvido o que ele estava fazendo (ἐποίει), veio a ele... E os espíritos impuros, quando o estavam observando (ἐθεώρουν), foram caindo (προσέπιπτον) e foram gritando (ἐκραζον); e ele os estava silenciando (ἐπετίμα).
- Mc 5:21 E ele estava (ἦν) perto do lago.
- Mc 6:6b E ele estava percorrendo (περιῆγειν) as vilas ensinando.
- Mc 6:12-13 E eles estavam expulsando (ἐξέβαλλον) muitos demônios e estavam unguindo (ἤλειφον) e curando (ἐθεράπευον) a muitos doentes.
- Mc 6:30-33 Pois muitos estavam vindo (ἦσαν ἐρχόμενοι) e indo (ἦσαν ὑπάγοντες) e eles não estavam tendo (εὐκαίρουν) nenhum descanso para comer.
- Mc 6:53-56 *Sempre que ele estava entrando* (εἰσπορεύετο) em vilarejos, ou cidades, ou aldeias, eles estavam trazendo (ἐτίθεισαν) os enfermos nos mercados e eles o estavam implorando (παρεκάλουν); e tantos quantos tocavam a orla de sua veste estavam sendo curados (ἐσώζοντο).
- Mc 10:1 E as multidões se reuniram novamente a ele e, segundo era seu costume, ele as estava ensinando (ἐδίδασκεν).

Os únicos enunciados sumários que não utilizam o imperfeito são Mc 1:14-15, 28.

<sup>16</sup> Veja EGGER, pp. 1,164-165. Egger argumentou que os sumários têm uma construção em três partes, cujos elementos usualmente seguem a mesma ordem (pp. 27-30).

literária de Marcos.<sup>17</sup> Schmidt, por outro lado, prefere vê-los como artifícios literários que amarram perícopes individuais antes que como provedores de base literária para o documento. De acordo com Schmidt, seu significado para todo o Evangelho é que eles ampliam, aumentam ou expandem o ministério de Jesus para além das fronteiras nas narrativas individuais particularizadas que constituem a característica dominante do Evangelho de Marcos.<sup>18</sup>

Quando se examinam os relatos sumários de Schmidt-Perrin, descobre-se que eles são *no geral* compostos de enunciados generalizados e não-específicos, usualmente não tendo nenhuma conexão com perícopes precedentes ou seguintes. A maioria deles dá uma breve descrição sumária de alguns aspectos do *ministério de Jesus*. O uso de alternância de expressões vagas tem o efeito prático de aliviar o autor da carga do detalhe. Eles não parecem ser sumários *literários* no sentido estrito de que alcançam num único breve relato a essência de um *segmento literário mais amplo* que precede ou segue, como boas sentenças introdutórias ou conclusórias para parágrafos. De fato, no todo, eles parecem permanecer sozinhos, completamente independentes de perícopes particularizadas que os circundam. Eles introduzem *novas* informações na narrativa em uma maneira geral e não-específica.

*Mc 1:14-15*<sup>19</sup> é uma passagem independente que introduz novos conceitos na narrativa. Não tem nenhuma conexão essencial ou imediatamente óbvia com a perícopa precedente sobre a tentação de Jesus (*Mc 1:12-13*) ou com a perícopa seguinte sobre o chamado de André, Simão, Tiago e João (*Mc 1:16-20*). O assunto da pregação de Jesus não é introduzido no Evangelho até 1:38-39, a única outra referência à pregação de Jesus no contexto imediato.<sup>20</sup> Tampouco *Mc 1:14-15* parece servir como uma “transição” de *Mc 1:1-13* para um primeiro segmento maior, *Mc 1:16-3:6*, ao menos não no sentido estrito de que proveja uma transição estável da pregação de João para a de Jesus, haja vista que o que Perrin identificou como a primeira seção principal contém apenas uma outra referência à pregação de Jesus. *Mc 1:14-15* é um *resumo* conciso do conteúdo da pregação de Jesus, o único no Evangelho. Sua posição no início do ministério de Jesus afeta a visão do leitor sobre a narrativa inteira. Ela tenta o leitor a adotar o “conteúdo geral” de *Mc 1:14-15* como a substância

---

<sup>17</sup> Veja a discussão de Egger com outros que sustentaram este mesmo entendimento da função dos sumários (pp. 19-23). Veja também TAYLOR, Vincent. *The Gospel according to St. Mark*. London: Macmillan, 1959, p. 165, que também considera 1:14-15 como “um dos enunciados sumários (*Sammelberichte*) que determinam o esboço do Evangelho”.

<sup>18</sup> Veja, em particular, SCHMIDT, p. 13.

<sup>19</sup> Veja a discussão de SCHMIDT, pp. 32-35. Cf. também EGGER, pp. 39-64.

<sup>20</sup> Outras referências à pregação de Jesus e seus discípulos em Marcos são 3:14; 6:12; 14:9 [16:15,20]. Existe uma referência ao *kerigma* de João em 1:4,7. Veja também *Mc 2:2*, onde Jesus “fala a palavra para eles”.

da mensagem de Jesus, onde quer que Jesus esteja descrito como pregando ou ensinando (tal como em 1:21-22,27,38-39,45; 2:2,13; 3:14; 4:1-34; 6:2,6b,12,34; 10:1; 11:18; 12:35,38; 13:10). Esta técnica alivia o autor da necessidade de repetir a mensagem a cada vez que Jesus é descrito se dirigindo à audiência. A menos que de outra maneira não informada, o leitor assumiria (ou Marcos parece *tencionar* que ele assuma), na base do sumário em 1:14-15, que Jesus está pregando e ensinando sobre o Reino de Deus. Assim, esse enunciado sumário não parece ser uma “estaca” estrutural ao redor da qual o autor pendura segmentos de material. Ao contrário, ela é mais bem entendida como um artifício composicional ou narrativo através do qual o autor tenta influenciar o caráter da narrativa inteira. Sua suposta função como uma “estaca” estrutural que fornece uma transição da pregação de João Batista (1:1-13) para o ministério de Jesus é uma ilusão produzida pela quebra abrupta entre o material batista e o ministério de Jesus, assim como o caráter sumário de 1:14-15. O papel funcional de 1:14-15 é prover completa coesão à narrativa inteira com respeito ao ensino e pregação de Jesus.

*Mc 1:21-22*<sup>21</sup> inicialmente talvez pareça ser uma parte essencial da história de milagre que segue (1:23-27). Compare 1:22 (ensinando como alguém “que tem autoridade”) e 1:27 (ensinando com autoridade); 1:21 (sinagoga) e 1:23 (sinagoga deles). Mas Schmidt argumentou convincentemente que *Mc 1:21b-22* é um relato sumário que foi parcialmente construído com referência à história de milagre que se segue. O próprio enunciado relata uma resposta geral para uma atividade descrita geralmente e parece implicar mais do que uma ocasião em que Jesus ensinou na sinagoga.

*Mc 1:39*<sup>22</sup> é um outro anúncio geral sobre o caráter e amplitude do ministério de Jesus. Ele enfatiza tanto a pregação quanto o maravilhoso ministério prático, incorporando as ênfases de 1:14-15 e 1:32-34. Marcos aparentemente utilizou o dito de Jesus na pregação em 1:38 como uma ocasião para expandir seu ministério para além de episódios particulares que descrevem em maiores detalhes suas atividades no resto do Evangelho.

*Mc 2:13*<sup>23</sup> não tem nenhuma conexão essencial com a perícopre precedente sobre a cura do paralítico (2:3-12), que ostensivamente tem lugar “em casa”, em Cafarnaum (2:1), ou com a breve perícopre seguinte sobre o chamado de Levi (2:14) em uma locação geográfica não descoberta. *Mc*

---

<sup>21</sup> Veja SCHMIDT, p. 50 e EGGGER, pp. 146-149.

<sup>22</sup> Veja a discussão de SCHMIDT, pp. 59-60 e EGGGER, pp. 73-79.

<sup>23</sup> Veja SCHMIDT, p. 82 e EGGGER, pp. 151-153.

2:13 descreve a mudança na localização de Jesus e caracteriza seu ministério como um ministério de ensino que atrai multidões. O advérbio *πάλι* (novamente) e a frase transicional “enquanto ele passava” (*παράγων*) favorecem altamente a separação de 2:13 de seu contexto.

*Mc 3:7-12*<sup>24</sup>, segundo Perrin, é um sumário transicional entre a primeira seção principal de Marcos (1:16-3:6) e sua segunda seção principal (3:13-6:6a). Como um sumário no sentido estrito, ele falha em alcançar as características principais da primeira seção que Perrin caracteriza como “a autoridade de Jesus demonstrada em palavras e feitos”. Ele resume admiravelmente o ministério de cura e exorcismo que aparece através da seção (1:23-26,29-31,32-34,40-44: 2:1-2; 3:1-5), mas falha ao incorporar o ministério de pregação e ensino de Jesus que Marcos incorpora especificamente em 1:14-15,21-22,27,38-39,45; 2:2,13,18-22,23-28. E ele parece contradizer o que Perrin entende ser a ênfase maior da segunda seção principal (3:13-6:6a), “Jesus como Filho de Deus e rejeitado por seu próprio povo”, haja vista descrever o sucesso do ministério de Jesus e sua grande popularidade entre as multidões de sua terra natal. O que a perícopes faz é expandir as atividades de Jesus para além dos confins de episódios particularizados. Sua generalidade convida o leitor a ver eventos narrativos particulares descritos em mais detalhes no Evangelho como exemplos de um ministério mais amplo e mais abrangente.<sup>25</sup>

*Mc 5:21*<sup>26</sup> simplesmente descreve a mudança de locação de Jesus e caracteriza seu ministério como um ministério popular que atraiu uma grande multidão. O enunciado está um tanto em tensão com 5:24, que parece introduzir desnecessariamente uma outra grande multidão para acomodar 5:31, no qual a multidão representa uma função necessária na segunda perícopes que segue 5:21. *Mc 5:21* parece designado a mover Jesus do “outro lado” do lago (5:1-20) e a reafirmar a popularidade de seu ministério entre o povo, posto que ele experimentou apenas sucesso misto no “outro lado” (5:17).

*Mc 6.6b*<sup>27</sup>, argumenta Perrin, é um sumário marcado que serve como uma transição entre a segunda (3:13-6:6a) e a terceira (6:7-8:21) seção principal do Evangelho. O tema da terceira seção é “Jesus

---

<sup>24</sup> Veja SCHMIDT, pp. 104-108 e EGGGER, pp. 91-111.

<sup>25</sup> Contudo, veja KECK, L. E. Mark 3:7-12 and Mark's christology. In: *Journal of Biblical Literature* 84, 1965, pp. 341-358, que argumenta que 3:7-12 conclui uma seção que começa em 1:16. Keck considera a passagem como um sumário transicional expandido por Marcos e não criado *de novo* pelo evangelista. A posição de Keck é especificamente desafiada por BURKILL, T. A. Mark 3:1-7 and the alleged dualism in the evangelist's miracle material. In: *Journal of Biblical Literature* 87, 1968, pp. 409-417.

<sup>26</sup> Veja SCHMIDT, p. 146. Egger rejeita esta passagem como um enunciado sumário (p. 2).

<sup>27</sup> Veja SCHMIDT, pp. 158-160 e EGGGER, pp. 153-155.

como Filho do Homem e mal-compreendido pelos seus próprios discípulos”. Mc 6:6b faz alusão ao ensino de Jesus e o tema aparece nas seções dois (Mc 4:1-34) e três (Mc 7:1-23; 8:11-21), mas falha ao fazer justiça ao seu ministério de cura e exorcismos, que parece ser uma ênfase dominante em ambas as seções. Na verdade, 6:6b parece apenas servir à função de expandir o alcance do ministério de Jesus. Com este enunciado pareceria que Marcos quer dar a impressão de que incidentes individuais que ele narra realmente são apenas para ilustrar o que estava acontecendo numa escala muito mais ampla.

*Mc 6:12-13*<sup>28</sup> é um enunciado sumário de atividades dos discípulos de Jesus que expandem seu ministério com suas próprias pregações, exorcismos e curas. Os versos não têm conexão com os versos intercalados sobre João Batista (6:14-29) que seguem imediatamente e, realmente, descrevem os discípulos como indo além do que foram mandados fazer em 6:7, quando a eles foi dada autoridade apenas sobre os espíritos impuros. O propósito dos versos não parece ser resumir a perícope Mc 6:7-11, nem antecipar Mc 6:30, mas sumarizar a missão dos Doze (Apóstolos, 6:30) como evento. Por conseguinte, acrescenta nova informação em uma forma geral e não-específica sobre o ministério dos Doze em vez de resumir uma velha informação que precede ou segue na narrativa.

*Mc 6:30-33*,<sup>29</sup> apesar de reconhecido por Schmidt como um relato sumário, pode ser, na verdade, apenas uma introdução expandida à alimentação dos 5.000 (6:34-44). Mc 6:34 se constrói sobre 6:30-33 (ou 6:30-33 antecipa 6:34). Compare 6:34a, “ao desembarcar”, com 6:32, “eles se foram no barco”; 6:34b, “ele viu uma grande multidão”, com 6:33, “muitos os viram partir... e se adiantaram a eles”. Mc 6:35 está claramente dentro da perícope sobre a alimentação dos 5.000, a qual tem alguma conexão com 6:30-34. Compare 6:35, “este é um lugar solitário”, com 6:31a, “vamos para um lugar solitário”; compare “comprem eles mesmos algo para comer” a 6:31b, “não tinham tempo para comer”. A única tentativa de generalizar nos versos 6:30-33 é a afirmação de que eles vieram de “todas as cidades” (6:33) e o ensino de “muitas coisas” (6:34). Se este é um relato sumário, provavelmente deveria estar estendido para incluir 6:34.

---

<sup>28</sup> Veja SCHMIDT, pp. 162-163. Egger rejeita esta passagem como um enunciado sumário (p. 2).

<sup>29</sup> Veja SCHMIDT, p. 188. Egger também estende a passagem para incluir Mc 3:34 (pp. 1221-131).

*Mc 6:53-56*<sup>30</sup> não parece resumir nem a perícopre precedente (6:45-52) e nem a perícopre posterior (7:1-13). Esta perícopre descreve a mudança de locação de Jesus, enfatiza a popularidade do seu ministério de cura e expande consideravelmente a amplitude desse ministério para além de exemplos específicos de curas descritas em detalhes por Marcos. A passagem parece ter a intenção de criar a impressão de que o ministério de cura de Jesus, ilustrado por Marcos com certos incidentes específicos, estava sendo praticado por toda a Galiléia. Particulares não são dados. Aqueles que são curados não são nomeados, não são fornecidas descrições de suas enfermidades e detalhes de incidentes particulares são simplesmente omitidos.

*Mc 10:1*<sup>31</sup> começa a viagem da Galiléia para Jerusalém (10:1-52). Parece claro que é para que o leitor entenda esta seção como uma jornada da Galiléia para Jerusalém e, então, temos a principal mudança de ambiente e locação do ministério de Jesus. Compare 10:17a,32,46a e 11:1. O autor claramente deseja criar a impressão de uma viagem incorporando tudo de *Mc 10:1-52*. Portanto, *Mc 10:1* não parece ser apenas um relato sumário no sentido de outros que já examinamos, mas parece também funcionar como a introdução literária à narrativa compilada da viagem da Galiléia para Jerusalém. Este sumário representa uma tentativa pelo autor de fornecer uma estrutura literária mais ampla para suas unidades narrativas individuais. Ainda provê, também, um resumo geral do caráter do ministério de Jesus. Nota-se na narrativa da viagem que, com a exceção de 10:46-52, Jesus é descrito primeiramente como “ensinando” (10:1b). Os tópicos são: sobre casamento e divórcio (10:2-12); sobre a entrada no Reino (10:13-16); sobre o perigo das posses (10: 17-31); o ensinamento sobre a cruz (10:32-34); o ensinamento sobre a natureza do discipulado (10:35-45). *Mc 10:46-52* pode tencionar a funcionar como um exemplo da importância da fé.<sup>32</sup> Então, *Mc 10:1* serve muito mais como outras introduções e conclusões literárias no Evangelho de Marcos (4:1-2a,33-34 e 13:1-5a).

Contudo, tanto Schmidt quanto Perrin parecem ter negligenciado muitas passagens adicionais no Evangelho, as quais têm o mesmo caráter sumário, como os versos que já foram discutidos: 1:5,28,32-34,45; 2:1-2,15; 4:33-34; 6:1; 9:30-32; 10:32. Destes, Egger identificou como enunciados sumários 1:32-34,45 e 2:1-2, mas negligenciou os demais.

---

<sup>30</sup> Veja SCHMIDT, pp. 194-196 e EGGER, pp. 134-142.

<sup>31</sup> Veja SCHMIDT, p. 238 e EGGER, pp. 155-156.

<sup>32</sup> Perrin considera esta perícopre e 8:2-26 como histórias transicionais de dom da visão; de acordo com sua teoria, elas funcionam como mudanças estruturais principais na estrutura da narrativa.

*Mc 1:5*<sup>33</sup> também deveria ser considerado um enunciado sumário marcado por causa das afirmações exageradas feitas sobre a popularidade do ministério de João (*toda* a Judéia e *todo* o povo de Jerusalém eram batizados por João), a descrição geral de suas atividades e a similaridade geral do enunciado com outros sumários.<sup>34</sup> Sua função é descrever a extensa popularidade do ministério do Batista sem envolver o autor na recontagem de incidentes detalhados. Os dois verbos principais na sentença (ἐξεπορεύετο – eles estavam saindo; ἐβαπτίζοντο – estavam sendo batizados) estão no tempo imperfeito, enfatizando ação repetida ou usual no tempo passado.

*Mc 1:28*<sup>35</sup> em sua posição atual parece ser a conclusão para a história de milagre de 1:21-27, mas na realidade não tem nenhuma conexão essencial com essa perícopa. De fato, como tem sido reconhecido, a conexão entre 1:21-27 e 1:29-31 seria até melhor *sem* 1:28.<sup>36</sup> Quando lido à luz de outros relatos sumários, 1:28 reflete as mesmas características. Limitando-se com exagero, descreve a popularidade de Jesus em termos gerais não-específicos como tendo se espalhado “por toda parte”, em toda a circunvizinhança da Galiléia.

*Mc 1:32-34*<sup>37</sup> é um outro enunciado geral sobre o caráter e amplitude do ministério de Jesus. Ele descreve outras curas e exorcismos feitos por ele em uma forma esquemática geral. Não são dadas particularidades. Aqueles que são curados não são nomeados, descrições de suas enfermidades não são fornecidas e os detalhes dos próprios acontecimentos particulares são simplesmente encobertos. Marcos deseja indicar que as curas particulares, tais como *Mc 1:21-27* e *1:29-31*, estavam acontecendo repetidamente numa escala muito mais ampla.<sup>38</sup> Através do uso do imperfeito, o autor enfatiza a atração continuada de Jesus sobre as massas (ἔφερον – “eles continuavam trazendo a ele”; ἦν ἐπισυνηγμένη [imperfeito perifrástico] – “a cidade toda estava reunida”) e sua recusa também continuada em permitir que os demônios derrotados o

---

<sup>33</sup> SCHMIDT, pp. 21, 51.

<sup>34</sup> Veja em particular *Mc 1:28*, 32-34.

<sup>35</sup> Veja SCHMIDT, p. 51. Schmidt vê uma íntima conexão do verso com a perícopa 1:21-27. Contudo, ele nota que outros entenderam o verso de forma diferente (Cf. nota 3, particularmente). J. Weiss toma o verso como sendo uma adição do evangelista que “antecipa as narrativas seguintes com respeito ao tempo (zeitlich)”. Cf. WEISS, J. *Die Schriften des Neuen Testaments neu übersetzt und für die Gegenwart erklärt*. 2 ed. Vol. 1. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1917, p. 85. Com esta dica de Weiss não está clara a razão pela qual Schmidt falhou ao ver similaridade entre 1:28 e os outros enunciados sumários.

<sup>36</sup> Veja WOHLBERG, Gustav. *Das Evangelium des Markus*. Leipzig: A Deichert, 1910, p. 62.

<sup>37</sup> Veja SCHMIDT, pp. 57-58. Egger também identifica esta passagem como um enunciado sumário (pp. 64-73).

<sup>38</sup> Taylor não pensa que este seja um enunciado sumário como *Mc 3:7-12*, mas uma história sobre Jesus conectada a um lugar e tempo particulares, que registra coisas lembradas “ao fechamento de um dia memorável” (TAYLOR, p. 180).

identificassem (ἤφιεν). Através do uso de certos adjetivos (πάντας, ὅλη, πολλούς, πολλά), ele enfatiza o sucesso desenfreado do ministério de Jesus.

*Mc 1:45*<sup>39</sup> também é mais bem compreendido como um relato sumário e trouxe problemas para tradutores que tomaram o assunto de 1:45a (ἤρξατο) como sendo a cura do leproso, e o tema de 1:45b (αὐτὸν δύνασθαι) como sendo Jesus. O grego é obscuro, levando tradutores a traduzir αὐτὸν δύνασθαι como “Jesus poderia”. Quando se compara o caráter de 1:45 com outros relatos sumários, torna-se claro que o assunto de 1:45a realmente é Jesus<sup>40</sup> e que 1:45 não tem nenhuma conexão essencial com a perícopre precedente da cura. O enunciado realmente se refere à pregação (κηρύσσειν) dele (cf. 1:14-15; 4:3-9,14-33) e não ao leproso curado espalhando as novas da sua cura. O uso do imperfeito sugere que Jesus estava (ἦν) no deserto por causa de sua popularidade sem paralelo: pois o povo continuava vindo a ele (ἦρχοντο) “de toda parte”.

*Mc 2:1-2*<sup>41</sup> transcende os parâmetros do evento estrito descrito na perícopre 2:3-12 e na realidade está intencionado para caracterizar o grande apelo popular da atividade de pregação de Jesus às massas. Tantas se reuniram que não havia lugar nem mesmo junto à porta e, mesmo assim, Jesus continuava pregando como fazia habitualmente (ἐλάλει). Juntos, os dois enunciados sumários, 1:45 e 2:1-2, criam a impressão de que seu apelo como pregador e curandeiro percorreu toda a região (1:45, o campo; 2:1-2, cidades e vilarejos).

*Mc 2:15*<sup>42</sup> é um enunciado que parece querer descrever a grande popularidade de Jesus e sua larga aceitação entre as massas. Tem o mesmo caráter geral e função que 2:13. Serve para fazer a mudança de locação de Jesus e fornece o contexto para a perícopre que segue (2:16-17). Neste caso, o enunciado faz uma excelente transição do chamado de Levi (2:14) para a perícopre seguinte sobre Jesus comendo com cobradores de impostos e pecadores (2:16-17). Note, em 2:14, “siga-me” e, em 2:15, “pois havia muitos que o seguiam”. Em 2:16, note “comendo com pecadores e coletores de impostos” e, em 2:15, “muitos cobradores de impostos e pecadores estavam sentados com Jesus e seis discípulos”. O autor usa o imperfeito para enfatizar o caráter usual ou costumeiro dos

---

<sup>39</sup> Veja SCHMIDT, pp. 67-68. Schmidt deve ter notado a similaridade entre 1:45 e 1:39. Veja também WEISS, p. 88. Egger (pp. 79-82) também identifica esta passagem como um enunciado sumário.

<sup>40</sup> Penso que isto foi mostrado conclusivamente por J. K. Elliot. Veja The conclusion of the pericope of the healing of the leper and Mark 1:45. In: *JTS* 22, 1971, pp. 153-157; Is ὁ ἐξελεθών a title for Jesus in Mark 1:45? In: *JTS* 27, 1976, pp. 402-405; The healing of the leper in the synoptic parallels. In: *TLZ* 34, 1978, pp. 175-176.

<sup>41</sup> SCHMIDT, pp. 78-79. Egger (pp. 149-151) também identifica esta passagem como um enunciado sumário.

<sup>42</sup> SCHMIDT, pp. 82-85. Schmidt descreve 2:15b (“Pois havia muitos que o seguiam”) como uma adição do evangelista (p. 84).

eventos: coletores de impostos e pecadores estavam freqüentemente se reclinando com Jesus (συνανέκειντο); havia (ἦσαν) muitos destes e eles o estavam seguindo (ἠκολούθου).

*Mc 4:33-34*<sup>43</sup> é claramente um enunciado sumário marcano que está amarrado muito estritamente a um contexto *literário* mais amplo. Estes dois versos funcionam como uma conclusão literária ao capítulo marcano sobre parábolas, cuja introdução literária é encontrada em 4:1-2.<sup>44</sup> É impressionante que Perrin *não* considere 4:33-34 como enunciado sumário, posto que este é inquestionavelmente o que ele considera serem os outros enunciados sumários: um enunciado resumindo um segmento literário amplo. Pode-se perguntar por que *Mc 4:1-34* não deveria ser considerado como uma divisão principal da estrutura de Marcos, haja vista que Marcos tão cuidadosamente o coloca com introdução e conclusão literária semelhantes ao discurso apocalíptico, cuja introdução literária Perrin considera como introduzindo uma divisão literária principal da estrutura de Marcos. Todos os verbos de 4:33-34 estão no tempo imperfeito para enfatizar que a prática usual e costumeira de Jesus é ensinar em parábolas.

*Mc 6:1*<sup>45</sup> também descreve uma atividade de Jesus em uma maneira geral e não-específica, como fazem os outros sumários. *Mc 6:1a* descreve sua mudança de localização de alguma localidade indefinida além do lago da Galiléia na região da Galiléia (5:21) para a sua “própria terra” (6:1). Em 6:1b, a adição da breve afirmação “e seus discípulos o seguiram” pode ser uma técnica composicional que serve para introduzir os discípulos, que parecem ser o motivo principal em 6:1-52. Os elementos na seção são: 6:1-6a, Jesus rejeitado por seus próprios compatriotas; 6:7-11, o

---

<sup>43</sup> Veja SCHMIDT, pp. 126-132.

<sup>44</sup> SCHMIDT, pp. 126-128. *Mc 4:1-2a* também pode ser um enunciado sumário e Egger o considera assim (pp. 111-119). Em meu julgamento, entretanto, parece que a intenção do autor é fornecer um ambiente literário para a coleção de parábolas que segue. Marcos não parece ter em vista a prática costumeira de Jesus, nem faz implicar nestes versos uma circulação mais ampla das suas atividades. *Mc 4:1-2a* descreve uma ocasião específica, na qual Jesus ensinava à multidão por parábolas. À diferença de outros sumários, 4:1-2a está intimamente conectado com os eventos da narrativa que segue e não é facilmente separado de seu contexto, enquanto 4:33-34 claramente transcende os parâmetros de um único evento específico. No entanto, compare 4:1-2a com 1:21-2; 2:1-2; 2:13 e 5:21.

Do mesmo modo, se *Mc 3:19b-21* é ou não é para ser pensado como um enunciado sumário, em parte depende de como se analisa a passagem de 3:19b-35. As opiniões estão divididas (SCHMIDT, pp. 122-123). Schmidt analisa de 3:20-35 como três perícopes separadas (3:20-21, 22-23, 31-35). Outros consideram 3:22-35 como uma intrusão na unidade narrativa 3:20-21 + 31-35. Enquanto as três perícopes podem ter sido originalmente independentes, a mim me parece que existem motivos para considerar sua presente organização como que formando uma unidade literária consciente. Por exemplo, 3:22-30 parece estar conectada a 3:21b e 3:31-35 se constrói sobre 3:20-21. Pareceria que 3:20-21 forma o ambiente literário para o segmento inteiro. Portanto, não estou inclinado a considerar 3:20-21 como um enunciado sumário. Este texto não é facilmente separável de seu contexto imediato e parece fornecer o ambiente para um incidente particular e não descrever ações costumeiras de Jesus em amplas áreas geográficas e estruturas gerais de tempo.

<sup>45</sup> SCHMIDT, pp. 152-157.

chamado e comissionamento dos Doze (discípulos?); 6:14-29, o interlúdio sobre João Batista;<sup>46</sup> 6:30-34, sumário; 6:35-44, a alimentação dos 5.000 (servidos pelos discípulos) e 6:45-52, a ignorância dos discípulos. O sumário 6:53-56 pode servir, em parte, para contrabalançar as características negativas da rejeição de Jesus por seus próprios compatriotas e a falta de fé de seus discípulos.

*Mc 9:30-32*, como *Mc 1:14-15*, é um resumo conciso das instruções de Jesus aos seus discípulos relativas à chegada de sua paixão. Etienne Trocmé identificou *Mc 9:30 apenas*, nesta passagem, como um dos enunciados sumários que “acompanham ditos isolados atribuídos a Jesus”.<sup>47</sup> Contudo, pareceria que a passagem toda é um resumo generalizante. Ela descreve o caráter das instruções de Jesus aos seus discípulos por toda a Galiléia. Ocasões *especiais* não são descritas. Foi enquanto estava passando pela Galiléia, aparentemente em *repetidas* ocasiões, que Jesus ensinou seus discípulos sobre a sua paixão que viria em seguida. Compare *Mc 8:31*, quando Marcos indica que Jesus instrui seus discípulos sobre a paixão em uma ocasião *particular*. O uso que Marcos faz do imperfeito em *9:30-32* sugere que a instrução sobre a paixão ocorreu em várias ocasiões diferentes: ele estava passando (παρεπορεύοντο) pela Galiléia; ele estava ensinando (ἐδίδασκεν) seus discípulos; ele estava dizendo (ἔλεγεν); eles não estavam entendendo (ἠγνόουν); eles estavam temendo (ἐφοβοῦντο). Trocmé considera os enunciados sumários como compostos por Marcos “para dar mais coerência ao seu evangelho”. Ele está correto se com isso quer dizer que, com o enunciado, Marcos tenciona expandir as atividades de Jesus, como oposto de prover uma “estaca” para uma moldura literária. O enunciado não parece ligar episódios, mas criar a impressão de profundidade e movimento, ambos geográficos e temporais, nos quais se lê os episódios em Marcos como destaques de um ministério mais abrangente.

*Mc 10:32* também foi identificado por Trocmé como um outro dos sumários.<sup>48</sup> Neste caso, parece que Marcos deseja estruturar *10:1-52* como uma viagem da Galiléia para Jerusalém (veja acima) e *10:32*, junto com *10:1,17a, 46a* e *11:1*, fornece a estrutura literária para os episódios individuais que constituem esta “viagem”. O tempo imperfeito usado no enunciado enfatiza uma ação interativa e, através disso, contribui para a impressão de movimento: estavam subindo (ἦσαν ἀναβαίνοντες);

---

<sup>46</sup> Esta seção está fora de ordem lógica. Sua posição lógica teria sido em conexão com *1:14b*.

<sup>47</sup> TROCMÉ, p. 29. Veja também SCHMIDT, pp. 217-219.

<sup>48</sup> TROCMÉ, p. 29. Veja também SCHMIDT, pp. 217-219.

Jesus estava indo adiante deles (ἦν προάγων); eles estavam admirados (ἐθαμβοῦντο); eles estavam com medo (ἐφοβοῦντο).

O que parece estar emergindo desta análise é que os enunciados sumários são descrições não específicas generalizadas do ministério de Jesus com a intenção de expandi-lo para além de poucos incidentes episódicos típicos descritos no Evangelho. Eles não são sumários no sentido estrito de que resumem episódios que precedem ou que seguem na narrativa, mas sim no sentido de que sumarizam novas atividades sobre amplas áreas geográficas gerais e períodos de tempo indefinidos. A ação narrada no sumário é claramente distinguível daquela narrada nos episódios. Enquanto se pode argumentar que os sumários fornecem coesão em várias maneiras a uma narrativa integrada episódica e pobremente, ainda falta evidência para sumários que proveja uma moldura estrutural básica para o Evangelho.

Outros escritos no mundo antigo também fazem uso de técnicas similares para fins similares. Um número de exemplos estão claramente evidentes em *A vida de Apolônio de Tiana*, de Filóstrato.<sup>49</sup> Não tentei uma análise exaustiva dos textos, mas selecionei exemplos representativos de Filóstrato, alguns dos quais se comparam muito de perto aos enunciados sumários em Marcos. No que segue, quebrei por tipo geral os enunciados sumários da perspectiva daquilo que eles pareciam designados a sumarizar. Notar-se-á que as categorias não são rígidas e alguns enunciados podem se encaixar dentro de mais que uma categoria. Também parece haver uma preferência pelo tempo imperfeito.

- I. Enunciados que sumarizam eventos e atividades sobre períodos de tempo gerais em conexão com sumários das atividades típicas ou usuais do filósofo.

Os sumários parecem designados a criar uma impressão de que estas atividades são típicas do sábio, ou simplesmente abreviam um dado período de sua vida através da técnica que descreve de forma geral as coisas que ele usualmente faz.

---

<sup>49</sup> *A vida de Apolônio* parece um texto apropriado para procurar por tais paralelos, posto que muitos julgam que ele tenha paralelos próximos a Marcos. Veja VOTAW, C. W. The Gospels and contemporary biographies. In: *American Journal of Theology* 19, 1915, pp. 59-73 (reeditado pela Fortress em 1970, pp. 15-29); TALBERT, Charles. *What is a Gospel? The genre of the canonical Gospels*. Philadelphia: Fortress, 1977, pp. 1-23; HADAS, Moses, SMITH, Morton. *Heroes and gods*. New York: Harper and Row, 1965. Enquanto Filóstrato escrevia no terceiro século a.C., técnicas composicionais similares podem ser encontradas, por exemplo, nos escritos de Josefo.

A. Vol I, Livro III, Cap. XL, pp. 320-321.

Com doutrinas como esta, então, eles se alimentavam e estavam impressionados pela sabedoria ladeada da companhia. E dia após dia eles perguntavam todos os tipos de questões e eram eles mesmos indagados de volta.<sup>50</sup>

B. Vol I, Livro III, Cap. L, p. 335.

Em tais conversas com os sábios, Apolônio gastou os quatro meses que passou ali, e adquiriu todos os tipos de sabedoria, tanto profana quanto misteriosa.

C. Vol II, Livro VI, Cap. XLIII, p, 143.<sup>51</sup>

Tais eram as proezas de nosso sábio em benefício dos templos e cidades; tais eram os discursos que ele comunicou ao público, ou em favor de diferentes comunidades e em favor daqueles que estavam mortos, ou que estavam doentes; e tais eram as arengas que ele comunicou aos sábios e aos ignorantes igualmente, e aos soberanos que o consultaram sobre virtude moral.

D. Vol II, Livro VII, Cap. XXVIII, p. 227.

Ali seguiram outros episódios nesta prisão, alguns deles insidiosamente tramados, enquanto outros de mero acaso e não de suficiente importância para merecer minha atenção. Mas Damis, acredito, recordou-os em sua ânsia por não omitir nada. Eu dou apenas o que é de interesse.

II. Enunciados que sumarizam o movimento geográfico do sábio em períodos de tempo gerais, usualmente em conexão com sumários de suas atividades habituais ou típicas.

A. Vol I, Livro III, Cap. LVIII, p. 345.

E quando eles navegaram até a boca do Eufrates, disseram que navegaram por ele para Babilônia, a fim de ver Vardan, a quem encontraram da mesma forma que o tinham encontrado antes. Eles, então, vieram novamente para Nínive e, enquanto o povo de Antioquia mostrava sua costumeira insolência e não tomava nenhum interesse em quaisquer assuntos dos helenos, eles desceram para o mar em Selêucia

---

<sup>50</sup> Todas as traduções de Filóstrato são tomadas de CONYBEARE, F. C. *Philostratus: the life of Apollonius of Tyana*. New York: G. P. Putnam, 1912.

<sup>51</sup> Este enunciado conclui o Livro VI e pode estar pretendido como um sumário concludente para o livro.

e, encontrando um navio, navegaram para Chipre e desembarcaram em Pafos, onde está a estátua de Afrodite. Apolônio maravilhou-se na simbólica construção da mesma e deu aos sacerdotes muita instrução com respeito ao ritual do templo. Ele então viajou para Jônia, onde despertou muita admiração e não pouca estima entre todos os amantes da sabedoria.

B. Vol I, Livro IV, Cap. XI, p. 367.

Tendo purgado os efésios da praga e tendo tido o suficiente do povo de Jônia, ele partiu para Helas. Tendo feito seu caminho para Pérgamo e estando satisfeito com o templo de Asclépio, deu conselhos aos suplicantes do deus, o que fazer para obter sonhos favoráveis; e tendo curado muitos deles, veio para Ilium. E quando sua mente estava farta com todas as tradições do passado deles, foi visitar as tumbas dos acaios e ele mesmo comunicou muitas falas sobre elas, e ofereceu muitos sacrifícios de um gênero puro e sem derramamento de sangue.

C. Vol I, Livro IV, Cap. XXIV, pp. 399-401.

E ele também visitou todos os santuários gregos, quer dizer, aquele de Dódona, o templo pythiano, o de Abae, dirigiu-se para aqueles de Amfírao e de Trofônio e desceu para o santuário das Musas no Monte Hélicon. E quando ele visitou estes templos e corrigiu os ritos, os sacerdotes foram em sua companhia e os devotos seguiram seus passos, e taças eram levantadas transbordantes com discursos racionais e os sedentos bebiam seu vinho.

D. Vol I, Livro V, Cap. XI, p. 487.

Mas como os assuntos no oeste estavam numa condição tão inflamada, Apolônio e seus amigos retornaram daquele lugar em direção à Líbia e à região tirrena; e parcialmente à pé e parcialmente pelo mar, fizeram seu caminho até a Sicília, onde pararam em Lilybaeo. Então costearam em direção à Messina e ao Estreito, onde a junção do Mar Tirreno com o Adriático dá origem aos perigos de Caríbdis.

E. Vol I, Livro V, Cap. XX, p. 505.

Apolônio passou o inverno em vários templos helenos e, próximo à primavera, começou o caminho para o Egito, após administrar muitas repreensões de fato,

dando ainda muitos bons conselhos às cidades, muitas das quais ganharam sua aprovação, pois ele nunca recusou elogiar quando qualquer coisa era feita de uma forma certa e sensível.

F. Vol I, Livro V, Cap. XLIII, p. 473.<sup>52</sup>

Os companheiros do sábio entenderam sua intenção e cerca de vinte deles permaneceram com Menippo; mas os demais, dez em número, creio, ofereceram louvor aos deuses e, tendo sacrificado uma oferenda tal como os homens oferecem quando embarcam para uma viagem, partiram imediatamente para as pirâmides, montados em camelos e mantendo o Nilo à direita. Em muitos lugares tomaram botes para atravessar o rio, a fim de visitar cada aspecto nele; pois não havia uma cidade, templo ou lugar sagrado no Egito em que eles tenham passado sem discussão. Pois em cada um eles aprenderam ou ensinaram alguma história sagrada, de forma que qualquer navio no qual Apolônio embarcava parecia a sagrada galé de uma legação religiosa.

G. Vol II, Livro VI, Cap. XXXV, p. 125.

Tantas foram as raças que dizem que Apolônio visitou, até então, ávido e zeloso pelos outros como eles por ele. Mas suas jornadas subseqüentes no exterior, embora fossem numerosas, ainda não eram tantas como antes, nem foi ele para novos distritos que ainda não tinha conhecido; pois quando ele desceu da Etiópia e então retornou à Fenícia e Cilícia, e à Jônia e Acaia, e Itália nunca, em qualquer lugar, mostra-se como o mesmo de sempre.

H. Vol II, Livro VI, Cap. XLI, p. 139.

Agora o sábio determinou não permitir que os povos do Helesponto tirassem vantagem; então ele visitou suas cidades e expulsou os charlatões que estavam fazendo dinheiro da desgraça de outros e, então, revelou as causas da ira sobrenatural e, ao fazer oferendas enquanto satisfazia cada caso, evitava a punição divina a pequeno custo e a região estava em descanso.

---

<sup>52</sup> Este enunciado conclui o Livro V.

I. Vol II, Livro VIII, Cap. XXIV, p. 389.

Depois disto, vendo que ele tinha tido o suficiente dos povos de Helas, após viver por dois anos entre eles, ele navega para Jônia, acompanhado por seu grupo; e a maior parte de seu tempo ele gastou ensinando filosofia em Esmirna e Éfeso, embora também visitasse o restante das cidades; e em nenhuma delas ele era tido como convidado indesejado, realmente todos eles o consideravam digno de seus pesares quando os deixava, e para a melhor classe de pessoas ele era um conforto.

III. Enunciados que sumarizam a ampla popularidade geral do sábio em conexão com descrições gerais de suas atividades típicas.<sup>53</sup>

A. Vol I, Livro IV, Cap. I, p. 349.<sup>54</sup>

E quando eles viram nosso sábio em Jônia e ele chegou em Éfeso, mesmo os mecânicos não permaneceriam em seus trabalhos, mas o seguiriam, um admirando sua sabedoria, outro sua beleza, outro sua forma de vida, outro seu comportamento, alguns deles todas as coisas sobre ele igualmente. Relatos também eram correntes sobre ele, originados de vários oráculos. Assim, do Oráculo de Cólofon foi anunciado que ele partilhava sua sabedoria peculiar e era absolutamente sábio, e daí por diante; daquele de Dídima emanaram rumores similares, como também do santuário em Pérgamo; pois o Deus encorajou não uns poucos daqueles que estavam em necessidade de saúde a dirigirem-se eles mesmos a Apolônio, porque isto era o que “ele mesmo aprovou e estava satisfazendo aos Destinos”. Representações de várias cidades também esperavam por ele, oferecendo-lhe sua hospitalidade e perguntando seu conselho sobre a vida em geral, bem como sobre a dedicação dos altares e imagens; e ele regulamentava seus muitos assuntos, em alguns casos por cartas, mas em outros, ele dizia que os visitaria.

---

<sup>53</sup> Veja também Vol I, Livro IV, Cap. XXXI, p. 419; Vol I, Livro III, Cap. LVIII, p. 345; Vol II, Livro VIII, Cap. XXIV, p. 389.

<sup>54</sup> Este enunciado inicia o Livro IV.

B. Vol I, Livro V, Cp. XXIV, pp. 515-517.

Tais foram suas experiências em Rode e outras sucedidas em Alexandria, tão logo sua viagem terminou lá. Mesmo antes que ele chegasse, Alexandria estava apaixonada por ele e seus habitantes desejavam ver Apolônio com a devoção única de um amigo por outro; e como o povo do Alto Egito era intensamente religioso, também pediram-no para visitar suas muitas sociedades. Pois devido ao fato de que muitos vieram do Egito para cá e se misturaram conosco, enquanto um número igual passa então a visitar o Egito, Apolônio já era celebrado entre eles e os ouvidos dos egípcios estavam literalmente direcionados para ouvi-lo.

C. Vol II, Livro VIII, Cap. XV, p. 371.

Mas quando o rumor de sua chegada foi confirmado, todos se aglomeraram para vê-lo de todas as partes da Grécia, e nunca nenhuma multidão tal se concentrou para qualquer festival olímpico como então, todos cheios de entusiasmo e expectativa. Pessoas vieram direto de Iléia, e de Esparta, e de Corinto, até os limites do Istmo; e os atenienses também, embora eles estivessem fora do Peloponeso; nem estavam atrás das cidades que estão nos portões de Pisa, pois foi especialmente o mais celebrado dos atenienses que se apressou para o templo, junto com os homens jovens que afluíram à Atenas de todas as partes da terra. Demais a mais, havia pessoas de Megara permanecendo então em Olímpia, bem como muitos da Beócia e de Argos, e todas as principais pessoas de Fócida e Tesalia.

D. Vol II, Livro VIII, Cap. XXVI, p. 393.

Toda Éfeso, já que toda Éfeso estava em sua palestra, estava sem fala, com surpresa.

E. Vol I, Livro IV, Cp. XXXI, p. 419.

As conversas que Apolônio manteve em Olímpia giraram em torno dos mais produtivos tópicos, tais como sabedoria, coragem e temperança, e numa palavra sobre todas as virtudes. Ele discutia estas da plataforma do templo e surpreendia a todos, não apenas pelo discernimento que mostrava, mas por suas formas de

expressão. E os lacônios se aglomeraram envolta dele e o convidaram a partilhar de sua hospitalidade no seu santuário de Zeus, fazê-lo pai de seus jovens em casa, legislador de suas vidas e a honra de seus anciãos.

Uma das características que se destaca deste tipo de sumário é a propensão do escritor a exagerar desavergonhadamente para assegurar a reputação do sábio. Em A, acima, ele é descrito como sendo “absolutamente sábio”. Em B está relatado que “Alexandria estava apaixonada por ele” e o “povo do Alto Egito” implorava-lhe para que os visitasse; Apolônio era tão celebrado que “os ouvidos dos egípcios estavam literalmente direcionados para ouvi-lo”. Em C, “toda a Grécia” se aglomerava para ver o sábio. De fato, esta era a multidão mais excitada que jamais havia assistido a um festival olímpico. Jovens vinham “de todas as partes da terra”, e a multidão incluía “todas as principais pessoas de Fócida e Tesalia”. Em D, “toda Éfeso” estava presente em sua preleção. Em E, ele surpreendia “a todos” por seu discernimento e discurso.

O mesmo tipo de exagero também está presente em alguns dos sumários marcanos: Mc 1:32-34 – “todos” os doentes e possessos por demônios foram trazidos a Jesus; a “cidade inteira” estava reunida perto da porta. Mc 1:28 – a fama de Jesus se espalhou por “todos os lugares”, através de “todas as religiões que cercavam a Galiléia”. Mc 1:5 – “todo o país da Judéia e todo o povo de Jerusalém” saiu para ter com João; 6:33 – “eles correram à pé de todas as cidades”.

#### IV. Enunciados que sumarizam os discursos do sábio.<sup>55</sup>

##### A. Vol II, Livro VIII, Cap. XII, p. 365.

E ele prosseguiu a detalhar a eles suas próprias palavras, e sobre todas, ao final delas a citação: “Pois tu não me matarás”, e ele lhes contou exatamente como ele desapareceu do lugar de julgamento.

##### B. Vol I, Livro IV, Cap. XIX, p. 389.

Muitos eram os discursos que, de acordo com Damis, o sábio comunicou em Atenas; apesar de ele não ter anotado todos eles, mas apenas os mais indispensáveis, nos quais ele tratou de grandes assuntos.

---

<sup>55</sup> Veja também Vol II, Livro VI, Cap. XLIII, p. 143.

C. Vol I, Livro V, Cap. XVII, p. 503.

Pois desta forma ele continuamente concluía seus discursos, com exortações úteis e piedosas.

D. Vol I, Livro V, Cap. XXVI, p. 523.

E muitas outras repreensões do mesmo tipo ele lhes comunicou, como Damis nos informa.

V. O sumário do escritor de um segmento literário precedente ou que sucede; ele parece ser diferente de seu sumário das atividades de Apolônio.

Vol II, Livro VII, Cap. I, p. 147.<sup>56</sup>

Estou ciente de que a conduta dos filósofos sob despotismo é a verdadeira pedra de toque de seu caráter, e sou a favor de inquirir de que forma um homem mostra mais coragem que o outro. E meu argumento também me encoraja a considerar o ponto; pois durante o reinado de Domiciano, Apolônio era importunado por acusações e avisos, as muitas origens, fontes e alegações das quais eu deverei presentemente aumentar. E como deverei estar sujeito à necessidade de especificar a linguagem que ele usou e a função que assumiu quando deixou a corte após condenar o tirano antes que fosse ele mesmo condenado, então devo, primeiro de tudo, enumerar todos os feitos dos homens sábios na presença dos tiranos, os quais tenho achado merecedores de comemoração, e contrastá-los com a conduta de Apolônio. Pois esta, penso, é a melhor maneira de descobrir a verdade.

É impressionante que, possivelmente com uma exceção, os enunciados sumários marcanos caíam organizadamente dentro destas mesmas categorias!

- I. Enunciados que sumarizam eventos e atividades sobre períodos gerais de tempo em conexão com sumários das atividades típicas ou habituais do sábio: 1:21-22; cf. 3:7-12.
- II. Enunciados que sumarizam o movimento geográfico do sábio em períodos gerais de tempo, usualmente em conexão com sumários de suas atividades típicas ou habituais: 1:39; 2:13; 5:21; 6:1, 6b, 12-13; (10:1?).

---

<sup>56</sup> Este enunciado inicia o Livro VII e parece tencionar ser um sumário literário dos conteúdos do livro.

- III. Enunciados que sumarizam a extensa popularidade geral do sábio em conexão com descrições gerais de suas atividades típicas: 1:5, 28, 32-34, 45; 2:1-2, 15; 3:7-12; 6:53-56, (6:30-33?).
- IV. Enunciados que sumarizam os discursos do sábio: 1:14-15; 9:30-32.
- V. O sumário do escritor de um segmento literário precedente ou que sucede: 4:33-34; 10:1, 32.

O que esta análise de Filóstrato sugere é que Marcos está empregando um artifício literário usado por outros autores no mundo antigo para expandir as fronteiras de sua narrativa para além de eventos episódicos específicos que descreve em detalhes. Os enunciados sumários criam uma impressão de animação e movimento na narrativa sobre áreas geográficas amplas e estruturas de tempo gerais. Como artifícios literários, eles dão à narrativa um cenário expandido e uma estrutura de tempo alongada.

Se não refuta, esta análise enfraquece o argumento de Perrin de que a coincidência de alterações geográficas e enunciados sumários em Marcos servem como uma chave para identificar as divisões da sua estrutura literária. Se seguirmos os critérios de Perrin, contudo, encontraremos quatro potenciais divisões estruturais adicionais que se ajustam a eles, mas que o próprio Perrin não cita.<sup>57</sup>

- 1. Mudança geográfica 4:35-36 mais sumário 4:33-34;
- 2. Mudança geográfica e sumário 5:21;
- 3. Mudança geográfica e sumário 9:30;
- 4. Mudança geográfica e sumário 10:1.

Existem ao menos três principais mudanças geográficas adicionais que aparecem em Marcos à parte dos sumários:

- 5:1 – a viagem à região dos gerasenos;
- 7:31 – o retorno à Galiléia;
- 8:27 – a viagem às aldeias de Cesaréia de Filipe.

Uma outra fraqueza do argumento de Perrin de que enunciados sumários servem como peças “transicionais” de uma seção literária maior para outra é o fato de que, geralmente, os enunciados

---

<sup>57</sup> Veja acima.

sumários não têm nenhum contato evidentemente imediato com a perícopes que precede e segue o sumário. É, certamente, provável que os enunciados sumários sirvam a funções adicionais na narrativa. Por exemplo, Mc 1:14-15 fornece coesão ao influenciar o entendimento do leitor da mensagem de Jesus em todo lugar em que ele é descrito pregando ou ensinando no Evangelho. E 10:1 provê parte da estrutura literária para a viagem à Jerusalém. Também os sumários servem, às vezes, como “pontes” que ligam episódios, como Schmidt também argumentou. E 4:33-34, como tem sido mostrado, parece sumarizar o conteúdo do segmento literário mais amplo em 4:1-32, bem como ir além dele. Funções narrativas subsidiárias, no entanto, pois os outros sumários precisam ser trabalhados em casos individuais.<sup>58</sup> Em geral, estes enunciados resumem alguns novos aspectos do ministério de Jesus (ou João) e parecem funcionar como artifícios narrativos que ampliam, aumentam e intensificam este ministério e seu efeito. Eles não são sumários no sentido estrito de que resumem segmentos literários específicos que precedem ou seguem na narrativa. Em suma, eles dão a impressão de um ministério que é mais amplo e mais influente que uns poucos exemplos breves de episódios de curas, debates e ensinamentos narrados por Marcos. Sem a impressão criada pelas passagens sumárias, fica-se chocado pela estreiteza, brevidade e caráter esporádico do ministério de Jesus refletido no Evangelho.

## **BIBLIOGRAFIA**

BURKILL, T. A. Mark 3:1-7 and the alleged dualism in the evangelist's miracle material. In: *Journal of Biblical Literature* 87, 1968.

CADBURY, H. J. The summaries in Acts. In: JACKSON, F. J. Foakes, LAKE, Kirsopp (eds.). *The beginnings of Christianity I: the Acts of the Apostles*. 5 vols. London: Macmillan, 1933.

CONYBEARE, F. C. Philostratus: the life of Apollonius of Tyana. New York: G. P. Putnam, 1912.

DEWEY, Joanna. *Markan public debate: literary technique, concentric structure and theology in Mark 2:1-3:6*. Chicago: Scholars Press, 1980 (SBL Dissertation Series 48).

DODD, C. H. The framework of the Gospel narrative. In: *New Testament Studies*. Manchester: University Press, 1967.

---

<sup>58</sup> Em resposta a este *paper* para o Southwestern Regional Meeting of the Society of Biblical Literature em Dallas, Texas, 12-13 de março de 1982, Joanna Dewey sugeriu funções específicas adicionais para os enunciados sumários na narrativa marcana, exceto por aqueles que apontei. Ela argumenta que eles também fornecem tecido conjuntivo geral à narrativa, constroem suspense narrativo e provêem estrutura para perícopes individuais.

EGGER, Wilhelm. Die Verborgenheit Jesu in Mark 3:7-12. In: *Bib* 50, 1969.

EGGER, Wilhelm. *Frohbotschaft und Lehre: Die Sammelberichte des Wirkens Jesu im Markusevangelium*. Frankfurt: Knecht, 1976.

ELLIOT, J. K. Is ὁ ἑξελεθών a title for Jesus in Mark 1:45? In: *JTS* 27, 1976.

ELLIOT, J. K. The conclusion of the pericope of the healing of the leper and Mark 1:45. In: *JTS* 22, 1971.

ELLIOT, J. K. The healing of the leper in the synoptic parallels. In: *TLZ* 34, 1978.

HADAS, Moses, SMITH, Morton. *Heroes and gods*. New York: Harper and Row, 1965.

KECK, L. E. Mark 3:7-12 and Mark's christology. In: *Journal of Biblical Literature* 84, 1965.

PERRIN, Norman. The interpretation of the Gospel of Mark. In: *Interpretation* 30, 1976.

PERRIN, Norman. *The New Testament: an introduction*. New York/Chicago/San Francisco/Atlanta: Harcourt/Brace/Jovanovich, 1974.

PERRIN, Norman. Towards an interpretation of the Gospel of Mark. In: *Christology and a modern pilgrimage: a discussion with Norman Perrin*. Claremont: No publisher, 1971.

ROBBINS, Vernon K. Summons and outline in Mark: the three step progression. In: *Novum Testamentum* 23, 1981.

SCHMIDT, Karl. *Der Rahmen der Geschichte Jesu: Literarkritische Untersuchungen zur ältesten Jesusüberlieferung*. Berlin: Trowitzsch, 1919.

SCHWEIZER, Eduard. The portrayal of faith in the Gospel of Mark. In: *Interpretation* 32, 1978.

TALBERT, Charles. *What is a Gospel? The genre of the canonical Gospels*. Philadelphia: Fortress, 1977.

TAYLOR, Vincent. *The Gospel according to St. Mark*. London: Macmillan, 1959.

TROCMÉ, Etienne. *The formation of the Gospel of Mark*. Philadelphia: Westminster, 1975.

VOTAW, C. W. The Gospels and contemporary biographies. In: *American Journal of Theology* 19, 1915.

WEISS, J. *Die Schriften des Neuen Testaments neu übersetzt und für die Gegenwart erklärt*. 2 ed. Vol. 1. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1917.

WOHLENBERG, Gustav. *Das Evangelium des Markus*. Leipzig: A Deichert, 1910.